

“Dualismo digital” no ativismo contemporâneo: uma abordagem discursiva da #elenão

Original study

Julia Lourenço Costa

University of São Paulo, Brazil; juliajlc@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8571-8879>

Received: April 2022; Accepted: May 2022

Resumo: Este texto tem como objetivo principal analisar, a partir da perspectiva linguística e mais especificamente das teorias do discurso, as reivindicações políticas contemporâneas que se desenrolam no intenso trânsito entre a internet e o espaço urbano. A hashtag #elenão foi selecionada como lugar de observação, coleta e análise do corpus, tanto pela sua relevância no contexto brasileiro, quanto pelo seu funcionamento, que propicia uma compreensão das diversas manifestações do corpo estabelecido entre enunciado e enunciação. Compreendemos que tensão provocada entre o on-line e o off-line, abordada pelas ciências da linguagem com base no conceito de “dualismo digital”, pode promover questionamentos tanto teóricos e metodológicos, quanto políticos e sociais relevantes.

Palavras-chave: análise do discurso digital, “dualismo digital”, ativismo contemporâneo.

Abstract: The main objective of this paper is to analyze, from a linguistic perspective and more specifically from discourse theories, the contemporary political claims that take place in the intense traffic between the internet and the urban space. The hashtag #elenão was selected as the place of observation, collection and analysis of the corpus, both for its relevance in the Brazilian context and for its functioning, which provides an understanding of the various manifestations of the corpus established between the utterance and the enunciation. We understand that the tension caused between online and offline, addressed by the language sciences based on the concept of “digital dualism”, can promote relevant theoretical and methodological, as well as political and social discussions.

Keywords: digital discourse analysis, “digital dualism”, contemporary activism.

INTRODUÇÃO

Apresentamos neste texto algumas considerações e análises com base na noção de “dualismo digital”, conforme apresentada no livro *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas* (PAVEAU, 2021). Nele, a autora procura assinalar como os modos de vida contemporâneos passaram a englobar cada vez mais o aspecto

digital¹, reconfigurando, em certa medida, também as instâncias do discurso que estão ancoradas nos diferentes espaços de interação pressupostos no desenvolvimento dos meios de comunicação.

Em *Análise do discurso*, diversas pesquisas têm procurado pensar o discurso do/no digital como espaço da

1 Não podemos deixar de considerar o fato de que o que tem sido chamado de justiça tecnológica ainda não foi plenamente alcançado no Brasil, isto é, muitas pessoas ainda não têm um dispositivo conectado ou acesso à internet.

imbricação entre o ser humano e a máquina, adotando uma perspectiva pós-dualista e ecológica da linguagem. Segundo Paveau (2021), por exemplo, os tecnodiscursos, conceito central em sua teoria, são os discursos co-construídos juntamente com as implicações técnicas. Dessa perspectiva, os elementos de linguagem estão imbuídos de características tecnológicas, que deles participam de modo intrínseco e não apenas exterior, como mero suporte ou ferramenta.

A noção de ambiente é central – nesta determinada perspectiva de análise do discurso digital –, uma vez que ela permite pensar o caráter compósito da produção linguageira. Elaborados juntamente com a máquina (celulares, tablets, computadores etc.), os discursos no digital integram a técnica na sua composição e por isso devem ser abordados a partir de uma perspectiva chamada de ecológica, ou seja, que ultrapassa o dualismo entre linguagem/suporte e procura pensar o fator tecnológico como estrutural dos discursos produzidos on-line.

A análise do discurso digital, portanto, “considera o aparelho como um elemento intrínseco do ambiente e não uma simples ferramenta ‘sobre’ a qual os discursos seriam produzidos, como se eles tivessem uma autonomia” (Paveau 2021, 71), sublinhando a inseparabilidade entre a produção linguística e os dispositivos técnicos. Essa abordagem considera os vínculos entre o elemento humano e o não-humano como realidades verdadeiramente híbridas, nas quais a separação entre linguístico e extralinguístico é relativizada.

Os diversos paradigmas que procuram ser superados em uma abordagem contemporânea do discurso digital também questionam determinada compreensão da presença do sujeito conforme o binarismo estabelecido entre os polos “real” e “virtual”. Essas questões geram forte inquietação nos pesquisadores e pesquisadoras, sobretudo em ciências humanas, a partir das quais muitos trabalhos são desenvolvidos procurando destrinchar as implicações desse paradigma e, finalmente, assimilar nossa própria condição híbrida enquanto sujeitos que habitam esses espaços.

A relação entre sujeito, linguagem e mundo, com o desenvolvimento cada vez mais acelerado das tecnologias impõe, portanto, uma reflexão em torno do chamado “dualismo digital”. Esse conceito comporta “três tipos de distinções binárias: Átomos vs. Bits determinando a matéria das coisas, Físico vs. Digital descrevendo os tipos de realidade implicadas, e Offline vs. Online representando a relação com a internet” (Jurgenson 2011, tradução nossa).

A polarização entre “real” e “virtual” estabelece, por conseguinte, de um lado, a percepção do mundo empírico formado por seres e coisas e, de outro, o universo do digital construído pelos programas e algoritmos. Segundo essa perspectiva dualista, é virtual tudo que se “desenrola no computador ou na internet, pois se resume

a uma simulação, a uma virtualidade” (Paveau 2021, 152). Contudo, em Linguística, e mais especificamente nas teorias do discurso, partimos da compreensão de que é a própria linguagem e somente ela que nos possibilita pensar essa questão.

Partimos, portanto, do pressuposto de que a visão dualista tem diversas implicações no plano da linguagem e dos discursos. Em relação aos discursos digitais, essa visão estabelece diversas oposições, pois coloca a internet e os universos “virtuais” de um lado, e o mundo físico, material, de outro, este comumente chamado unicamente de “real”. Por isso mesmo, procuramos transpor as relações binárias², atentando para o conceito de espaço híbrido (Castells 2017), erigido a partir do diálogo das redes sociais com o espaço urbano.

De uma perspectiva sociológica, a superação dos dualismos, sobretudo do on-line vs. off-line, é tratada por Castells, por exemplo, por meio do conceito de espaço híbrido. Nas palavras do autor,

em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e construindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de prática transformadora (Castells 2017, 26).

Para avançarmos nesse ponto de vista calcado em uma abordagem linguístico-discursiva, isto é, naquela que passa necessariamente pela materialidade da língua, considerada como lugar onde o simbólico e o histórico são concretizados, partimos da compreensão de Castells (2017) para pensar que a linguagem no digital é também híbrida. Se, de um lado, as materialidades linguísticas significam determinadas práticas e constroem determinados sentidos, de outro, as formas tecnolinguageiras (Paveau, 2021) colocam também os processos técnicos nessa equação.

Conforme Dias (2011, 14), na “significação do urbano [...] a materialidade do sujeito define-se pelo modo como ele vive e produz esse espaço, subjetivando-se nele”. Dessa maneira, para estabelecer as bases de como interpretamos o espaço híbrido, criado a partir da interação recíproca e intensa entre a internet e a rua, é preciso primeiramente pontuar que ele não contribui apenas na construção dos sentidos, mas também dos sujeitos que nele habitam e transitam.

De diversas perspectivas, variados/as pesquisadores e pesquisadoras das ciências da linguagem têm apontado para a importância do diálogo entre os espaços, as linguagens e os sujeitos neles implicados para uma visão mais ampla dessas práticas discursivas. Destacamos brevemente Eni Orlandi (2004, 2011), Marie-Anne

2 Dessa maneira, o conceito de “dualismo digital”, inserido no título foi intencionalmente usado entre aspas, para esclarecer que o texto questiona este posicionamento com base nas teorias do discurso.

“Dualismo digital” no ativismo contemporâneo: uma abordagem discursiva da #elenão

Paveau (2021[2017]), Cristiane Dias (2011, 2018), Mônica Zoppi-Fontana (2016, 2017) e Juliana da Silveira (2015), para permanecer no alinhamento da abordagem discursiva, ou os trabalhos de Malini e Antoun (2013) e de Paolo Gerbaudo (2021), a partir de outras perspectivas teóricas.

Com base na observação das práticas linguístico-discursivas dos movimentos sociais contemporâneos, fortemente ancorados nas tecnologias digitais, serão realizados alguns apontamentos acerca dos diálogos que os espaços de discursividade estabelecem, com base em uma relação escalar entre as redes sociais digitais e as manifestações de rua. Nesse imbricamento entre sujeito, linguagem, mundo e máquina, o digital exerce papel importante reestruturando tanto as subjetividades e os sentidos, quanto as relações sociais.

Com ancoragem em trabalhos anteriores, ou em desenvolvimento³, sobre as formas argumentativas dos militanismos sociais digitais, é possível afirmar que eles se desenvolvem por meio de um elemento tecnodiscursivo principal: as hashtags. E esse fato não é novidade, uma vez que ela é um elemento linguístico vastamente mobilizado pelos sujeitos, sobretudo por sua capacidade de condensar em uma palavra, ou sequência curta de palavras, temas relevantes e polêmicos de determinado acontecimento.

Dessa maneira, a ideia geral que procuramos defender neste texto é a de que as hashtags não só estabelecem novos aspectos da relação entre mídia e política, mas contribuem, ao mesmo tempo e reciprocamente, para uma maior percepção e construção do espaço social híbrido. Neste sentido, a hashtag, criada na rede social, faz também parte da paisagem das cidades e é igualmente reenviada do urbano novamente ao digital, por meio do processo de iconização do texto, como veremos. Esse movimento imbricado estabelece também a integração dos dois ambientes, já apontada em variadas pesquisas.

Elegemos, portanto, como objeto de estudo a hashtag #elenão, criada em 2018, na conjuntura sociopolítica brasileira das eleições presidenciais, por um movimento feminino e feminista de oposição à então candidatura do atual presidente Jair Bolsonaro. A resistência ao candidato é atualmente compreendida como uma negação mais ampla ao chamado “bolsonarismo”, que reproduz e coloca em circulação discursos e “ideias grotescas, racistas, homofóbicas e sexistas, que admira Ustra e Hitler e que retorna às piores origens do Brasil,

reforçando preconceitos e a desigualdade social” (Cassara 2020, 122).

A partir da #elenão, procuramos observar o movimento discursivo que uma hashtag empreende, entre digital e urbano, corroborando para uma maior compreensão de um espaço híbrido, característico dos militanismos contemporâneos. Estes movimentos atuais extravasam os limites estabelecidos pelas categorias binárias e pelos dualismos manifestados em determinada concepção de real e virtual, enquanto graus máximos de uma relação nunca dialogada, fato que é analisado neste texto.

Compreendemos, de modo breve, o virtual, na esteira de Dias (2012), como o espaço não localizável em um lugar ou região do mundo físico, erigido pela tecnologia digital, que dota os sujeitos e as coisas do mundo de uma existência virtual, isto é, em potencial de realização. Por outro lado, o real é delimitado e habitado pelo corpo material no espaço físico, uma vez que “o lugar real nos dá uma base, uma posição. Este está ligado ao corpo. Isso não ocorre com o lugar virtual, nosso corpo não é virtual, nem poderá sê-lo, o corpo é a posição em si” (Dias, 2004, 107).

Como metodologia, adotamos neste texto a construção de um “pequeno corpus” ou de uma “coleção de exemplos” coletados “ao voo” (Moirand 2020[2018]), isto é, com base nas interações pessoais com os discursos considerados. Assim o sendo, o corpus foi extraído da web 2.0, ou seja, “a web social ou participativa, surgida no início dos anos 2000 [que] conecta as pessoas e está assentada numa interação multi-agentes” (Paveau 2021, 35), sobretudo reproduzido nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram. Com base nele, pretendemos oferecer um panorama sobre alguns funcionamentos discursivos da hashtag #elenão, tomada aqui como objeto de análise forjado pelos militanismos digitais feministas no Brasil, especificamente no que tange à mobilidade e à fluidez dos movimentos sociais contemporâneos, bem como ao sujeito e à linguagem que deles participam.

NOTAS SOBRE O CONCEITO DE HASHTAG

As hashtags são o testemunho pulsante da história encarnado em linguagem. Elas contribuem sendo tanto espaço de ancoragem dos posicionamentos ideológicos dos sujeitos, cada vez mais partícipes⁴ das textualidades navegantes (Maingueneau 2015) e dos elementos

3 Cf. PAVEAU, Marie-Anne; LOURENÇO, Julia e BARONAS, Roberto L. *Ressignificação em contexto digital*. São Carlos: EDUFSCar/FAPESP, 2021.

4 O trabalho com o digital no Brasil, a meu ver, requer que façamos ressalvas sobre a falta de conectividade ainda muito pungente no nosso país. Vimos atualmente com a pandemia a exacerbação das questões relacionadas à falta de acesso à rede de computadores e as questões sociais implicadas, por exemplo, na aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2020, que prejudicou ainda mais os alunos mais precarizados (Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/enem/2020/noticia/2020/07/07/a-cada-quatro-candidatos-ao-enem-2019-tres-declararam-nao-ter-acesso-a-internet-apontam-dados-do-inep.ghtml>). Ou ainda a absoluta ausência de dados em relação a cerca de 60% da população brasileira, “descobertos” ou “invisíveis em relação ao auxílio emergencial (Disponível em: [7](https://www.jornalcontabil.com.br/governo-</p></div><div data-bbox=)

Costa

mediáticos que contribuem para a narrativização do mundo (Nora, 1995). Partimos por conseguinte, na esteira de Paveau, da definição de que a hashtag

é um segmento linguageiro precedido do signo #, utilizado originalmente na rede de microblogagem Twitter, mas adaptado em outras plataformas, como o Facebook, principalmente. Essa associação transforma o segmento numa *tag* clicável, inserida manualmente num tuíte, que permite acessar um fio que agrupa o conjunto dos enunciados que contém a hashtag (Paveau 2021, 223).

Na conjuntura brasileira de 2018, a #elenão funcionou como ponto de ancoragem para essa “exteriorização subjetiva”, principalmente por parte dos grupos socialmente minorizados. As mulheres, inicialmente, mas também a coletividade negra, LGBTQIAP+, indígena, entre outras, que foram diretamente atacadas, de variadas formas e em reiteradas ocasiões, pelo então candidato à presidência, expressaram na hashtag a negação e a oposição aos discursos por ele proferidos e, conseqüentemente, aos valores e aos pontos de vista por ele defendidos.

A seguir são apresentados dois exemplos⁵ de usos da hashtag no contexto das eleições presidenciais de 2018: um no Twitter e outro no Facebook:



Figura 1 – #elenão no Twitter.

De uma perspectiva linguístico-discursiva, a #elenão produziu diversos tecnodiscursos que têm em comum a reivindicação de outra base axiológica, diferente daquela usada nos discursos ofensivos e preconceituosos de Bolsonaro. Essa mudança axiológica é marcada pela oposição não só à figura de Bolsonaro, mas a tudo o que ele representa, o chamado bolsonarismo, que se caracteriza por.

uma visão de mundo ultraconservadora, que prega em torno dos “valores tradicionais” e assume uma retórica nacionalista e “patriótica”, sendo profundamente crítica a tudo aquilo que esteja minimamente identificado com a esquerda e o progressismo (Pinheiro-Machado; Freixo 2019, 39).

A #elenão ressignifica, portanto, os discursos ofensivos e os ataques às coletividades minorizadas no Brasil, demarcando a negação a essa conduta política, ideológica e econômica. A oposição é concretizada tanto no texto verbal da hashtag, que é composto por uma negação: o símbolo hashtag # + ele (bolsonarismo) + não (negação ao lexema anterior) e o reforço de valores axiológicos diferentes daqueles negados, como nas figuras apresentadas que dizem, por exemplo, não ao fascismo (figura 1) e não ao desmatamento da Amazônia e ao ataque aos povos indígenas (figura 2), ligados também à recusa do modelo socioeconômico do “neoliberalismo seletivo”⁶.



Figura 2 - #elenão no Facebook

A força dessa hashtag é comprovada pelo fato de que, ainda em 2021, ela circula não só nas redes sociais, mas estampando fachadas de prédios, compondo grafites e pichações e sendo usada até mesmo nas máscaras de proteção facial contra o coronavírus. A #elenão pode ser considerada um verdadeiro emblema das coletividades, marcadamente as mulheres, mas não só, que se posicionam contra as condutas anteriormente citadas do atual presidente e seus apoiadores.

A força cumulativa (Zoppi-Fontana 2016) das hashtags é verificada “na repetição e no funcionamento pelo excesso” e sua saturação pode, por conseguinte, levar tanto ao desvio da proposição inicial quanto reforçá-la. A #elenão, ainda que usada em outras conjunturas, mantém seu núcleo de sentido fortemente ancorado na temática política brasileira, quer seja mais intensa na repetitividade – característica do discurso

busca-maneiras-de-incluir-os-invisíveis-no-auxílio-emergencial/). Ainda outro exemplo, no cenário internacional, é a campanha de vacinação na França, que demandava acesso para cadastro prévio e muitos, sem internet, foram prejudicados. (Disponível em: https://www.liberation.fr/societe/sante/en-seine-saint-denis-quand-la-fracture-numerique-creuse-la-fracture-vaccinale-20210211_DSQE22USNNH7TNBBD7GD7GVMJA/).

5 A webgrafia de todas as figuras apresentadas está no final do texto.

6 “O neoliberalismo seletivo consiste em canetadas pontuais aleatórias, sem uma política ou coerência gestora que as justifique, poupando um ou outro segmento da devassa liberal conforme o humor das redes sociais e da opinião pública que as move”. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-socio/o-neoliberalismo-seletivo-de-bolsonaro/>. Acesso: 25 abr. 2021.

“Dualismo digital” no ativismo contemporâneo: uma abordagem discursiva da #elenão

digital, especialmente nas redes sociais –, quer seja mais extensa na temporalidade⁷.

DO DIGITAL AO URBANO: A HASHTAG HÍBRIDA

Como vimos, a hashtag, – apesar de ser um elemento tecnodiscursivo, isto é, nativo do ambiente digital –, se estende também para outros espaços. Muitas são as pesquisas que se debruçam sobre o tema, e alinhamo-nos às inquietações que surgem a partir da imbricada relação entre urbano e digital, cada vez mais intensificada com o desenvolvimento das novas tecnologias, das novas necessidades pragmáticas e dos novos modos de interação social, que têm implicação também na construção do sentido e das subjetividades – tudo sob a ótica das ciências da linguagem.

Sendo as questões do digital também objeto para as Humanidades e, especificamente para a Linguística, este texto tem como interesse principal pensar a integração dos elementos linguageiros típicos do ambiente digital no espaço urbano. Esse fato reforça uma maior compreensão corporal, espacial e temporal que interliga cada vez mais o que é chamado de “real” com o “virtual” de modo escalar e não dicotômico. As pesquisas tanto no Brasil quanto na França têm se ocupado dessa relação que se estabelece no discurso digital.

Além disso, estamos atentos também à relação inversa, ou seja, como o urbano é igualmente transposto para o digital reforçando essa interligação entre os ambientes. Para isso abordaremos o movimento imbricado da hashtag, típica da paisagem digital, seguida de sua passagem para o espaço físico e, por fim, seu retorno ao digital por meio do processo de iconização do texto. Essa forma específica de empregar a hashtag é característica dos militanismos digitais contemporâneos, que nos seus usos e mobilizações também se estabelecem no entremeio, no espaço híbrido e na linguagem que é também híbrida.

Especificamente no tocante à migração da hashtag para espaços não conectados, Paveau (2021, 225) afirma que

a partir da invenção [da hashtag], seus usos se diversificaram no Twitter, e também alcançaram outros ecossistemas. A hashtag rapidamente se tornou elemento familiar na paisagem gráfica e digital contemporânea. Ocorre, de forma cada vez mais

frequente, encontrarmos hashtags fora da rede, numa camiseta antes de uma palavra, por exemplo ou em contextos nos quais ela não é clicável, como por exemplo, numa mensagem eletrônica, num texto, ou em determinados sites, onde elas são integradas linguisticamente nos enunciados, sem sua funcionalidade hipertextual. A hashtag se espalhou na imprensa escrita, na publicidade (nos cartazes urbanos), e mesmo na escrita dos alunos. Ela se inseriu também no discurso oral, sob a forma de uma oposição: os empregos como “hashtag indecência” ou “hashtag qualquer coisa”, por exemplo, compõem os comentários metadiscursivos sobre aquilo que acaba de ser dito; às vezes o signo cerquilha sendo imitado com os dedos, como para as aspas.

Num primeiro movimento, a hashtag pôde ser integrada na paisagem urbana por meio da escrita ou adesivos colados nos corpos, nas pichações, grafites e outras manifestações artísticas nas ruas, nos cartazes usados nas manifestações, em projeções pelas fachadas de prédios da cidade ou durante eventos culturais e musicais, até em produtos comercializados, como camisetas, canecas, sacolas, máscaras⁸ e outros objetos, conforme apresentamos a seguir alguns recortes (figuras 3–11):



Figura 3 - corpo.



Figura 4 - cartaz.



Figura 5 - sacola⁹.

7 A #elenão ainda foi usada, em 2021, para continuar concretizando oposição ao atual presidente Bolsonaro, sendo muito frequente na paisagem digital, sobretudo nas redes sociais, em acontecimentos específicos que requerem manifestação, tal como a conduta genocida do presidente em relação à pandemia no Brasil (<https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/covid-19-bolsonaro-e-denunciado-por-genocidio-no-tribunal-de-haia>) ou, ainda no contexto da Covid-19, a exacerbação das diversas desigualdades sociais, que intensificou os variados protestos antirracistas, também aliados da #elenão (<https://www.geledes.org.br/entenda-por-que-falamos-que-vidas-negras-importam-em-vez-de-todas-as-vidas-importam/>).

8 Estas que vieram à tona durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, ancoradas também no aprofundamento da insatisfação com a atuação de Bolsonaro na presidência do país.

9 Assinalamos, brevemente, a complexa relação espiralada entre a apropriação capitalista das pautas dos movimentos sociais.

Costa



Figura 6 - camiseta.



Figura 7 - muros da cidade.



Figura 8 - caneca.



Figura 9 - show musical.



Figura 10 - muros da cidade.



Figura 11 - máscara de proteção facial.

Nos exemplos apresentados, a inscrição do sujeito no espaço social híbrido é nítida, pois, ao mesmo tempo que eles interagem com os objetos conectados, também produzem, consomem e fazem circular esses discursos no mundo físico de variadas maneiras. Por meio da hashtag, os/as cidadãos/ãs se inserem nos dois espaços (real e virtual). Nas redes sociais digitais (figuras 1 e 2), eles/as expõem e colocam em circulação suas reivindicações fazendo com que este discurso atinja o ápice da quantidade, a partir da possibilidade de compartilhamentos diversos, isto é, deslinearizando a hashtag também com intensidade.

A hashtag, enquanto tecnopalavra, direciona o/a internauta para outras discursividades por meio da função técnica, o clique no hiperlink, por exemplo, que é um "elemento compósito, na medida em que garante uma dupla função linguística e técnica, pela deslinearização de um enunciado primeiro, o que permite atingir um enunciado secundário (Saemmer 2015 *apud* Paveau 2021, 120). A deslinearização, conforme proposta por Paveau (2021), se refere ao fato de que

os discursos digitais nativos não se desenvolvem obrigatoriamente em um eixo sintagmático específico do fio do discurso, de acordo com a teoria pré-digital: eles podem ser deslinearizados pelos links hipertextuais, que direcionam o texto fonte e seu leitor para outro discurso, em outra janela do navegador e outra situação de enunciação (Paveau 2021, 58).

Portanto, a hashtag é o elemento característico do espaço híbrido, pois ela é capaz de deslinearizar o enunciado primeiro direcionando o sujeito, por meio do clique, para um enunciado segundo ou *ad infinitum*. Ela pode tanto enviar o/a internauta para um novo ambiente digital

(a hashtag de uma reportagem que envia para outro texto relacionado à temática ou aquela publicada numa rede social que encaminha para o texto de uma revista on-line, por exemplo), quanto remetê-lo/a para as ruas, quando passa a ser incorporada nos corpos, cartazes, muros, camisetas etc.

Ainda que não ancorada no clique, compreendemos que a memória da clicabilidade ainda está presente também nas hashtags que circulam fora do espaço digital, sendo lidas e interpretadas a partir da memória discursiva que é acionada e que remonta ao tema abordado pela hashtag e à sua circulação nas redes sociais. De acordo com Dias (2016, 170),

é somente pela complexidade da relação memória e discurso que é possível produzir sentido. [...] o meio material do discurso consiste no conjunto complexo em que tecnologia (digital) e espaço (urbano), mas também tecnologias do urbano (outdoor) e espaço digital (emoji), se ligam materialmente no texto pelos meios simbólicos de circulação do discurso. Não se trata de uma divisão entre o on-line e off-line, mas de considerá-los materialmente ligados.

No exemplo que a pesquisadora usou para descrever a relação complexa entre memória e discurso, mas também entre digital e urbano, um emoji invadia um outdoor. Ele é muito profícuo e esclarecedor para a reflexão empreendida neste texto, centrada na incorporação da hashtag nos muros da cidade, nos corpos e nos objetos cotidianos. Há aí também uma complexa relação com a memória discursiva, única capaz de iluminar a relação intrínseca dos ambientes a partir da ancoragem nesse elemento tecnodiscursivo, isto é, compreende-se que o espaço híbrido é intensificado pela hashtag, também

híbrida, apenas via memória discursiva do acontecimento primeiro¹⁰.

Do urbano ao digital: a iconização do texto

Os movimentos sociais, que inicialmente se desenvolveram a partir do espaço urbano, atualmente “espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e ideias” (Castells 2017, 18). Conectados tanto com o espaço urbano quanto com a internet, os sujeitos partícipes desses militanismos contemporâneos conduziram o trânsito da materialidade linguística digital para o espaço físico, mas também possibilitaram que o inverso fosse concretizado.

O uso das hashtags fora do ambiente digital parece testemunhar o diálogo cada vez mais fluido e sem fronteiras estritamente delimitadas entre o digital e o urbano, participando também, a meu ver, da composição do espaço híbrido proposto por Castells (2017), no qual os movimentos sociais contemporâneos desenvolvem seu complexo processo argumentativo. O hashtagativismo¹¹ pode ser pensado na sua relação com o espaço híbrido, de acordo com as três práticas que apontamos a seguir:

1. o uso clássico das hashtags nos ambientes digitais para ancorar determinados temas e reivindicações;
2. a inserção do símbolo hashtag, nativo da web, nos novos espaços (muros da cidade, corpos, cartazes, objetos em geral etc.) parece estabelecer um diálogo entre as práticas de mobilização no ambiente referencial e no ambiente digital e
3. a apreensão e circulação na web destas práticas por meio de fotografias, por exemplo, a partir do processo de iconização do texto (Gunthert 2015), é sintomática para a reforçar a maior percepção do espaço híbrido.

No digital, a partir da constatação de que há um domínio da imagem sobre o texto, muitos questionamentos podem ser postos. Este texto circunscreve sua abordagem ao processo de iconização do texto que ocorre tanto nas capturas de tela, quanto nas fotografias de textos compartilhadas na rede enquanto imagens. O processo de iconização do texto (Gunthert, 2015) está assentado na sua compreensão visual, isto é, a imagem que se apropria da linguagem verbal articulada, reconfigurando-a de maneira icônica.

Como Gunthert (2015, 135) afirma, a “escrita digital transformou a linguagem em informação, atribuindo-lhe

propriedades insubstituíveis de conservação, de reprodução ou de transmissão”, asseverando, ainda, que “a digitalização, reduzindo a materialidade das imagens, confere-lhes plasticidade e mobilidade novas”. Dessa maneira, é possível afirmar que a iconização do texto, no espaço digital, ocorre também pelo fato de que, nesse ambiente específico, ela circula com menos restrições, tornando-se mais facilmente reproduzível e compartilhável.

De acordo com Paveau, a iconização pode ser definida como “a utilização da imagem que ultrapassa a simples ilustração para se tornar uma verdadeira portadora de sentido” (Paveau 2019, §2). No processo de conversão digital das nossas atividades discursivas, sobretudo nas redes sociais, a iconização do texto provoca o retorno da hashtag para o ambiente digital. A autora afirma que

no processo de elaboração dos textos contemporâneos no interior dos universos digitais nativos, parece-me que deve ser trazida uma nova dimensão, que é a imagem: o tecnografismo mostra que o texto é cada vez mais raramente produzido fora da imagem que, longe de o acompanhar como ilustração ou de modo auxiliar com o estatuto de legenda, literalmente é iconizado. Por conseguinte, defino a iconização do texto on-line como a elaboração e formatação de um discurso no formato e no código representacional da imagem, através de ferramentas de afordâncias específicas; no texto iconizado, os códigos textuais e icônicos são co-constituídos como um composto e não estão sujeitos a leitura ou análise independente (Paveau 2019, § 20).

Fotografadas, as inscrições linguísticas que unem a cerquilha (*jogo da velha*) com o enunciado #elenão fora da internet, permanecendo na categoria hashtag, retornam para a internet com outras características. Iconizada, a #elenão volta a circular on-line, perfazendo o espaço híbrido no qual é forjada, isto é, no contexto do militanismo digital feminista. A seguir apresentamos alguns breves exemplos de como o processo de iconização do texto – neste caso, o diminuto texto da hashtag que analisamos – opera nesse retorno ao digital (figuras 12–14).

Os corpos desses sujeitos que participam dos movimentos sociais contemporâneos, caracterizados também pelo hashtagativismo, se deslocam entre urbano

10 Neste ponto fazemos menção à necessidade de que o sujeito participe dos dois ambientes e interaja com estes discursos para que compreenda, por exemplo, que a #elenão surgiu como oposição a determinado candidato à presidência e em decorrência de uma invasão à página do Facebook das mulheres que se agrupavam enquanto oposição a esse candidato. Sem a mobilização dessa memória discursiva, a compreensão dos três momentos da hashtag no espaço híbrido (1. no digital, 2. entre digital e urbano e 3. entre urbano e digital) se perde.

11 “As hashtags, assim como as outras formas de conhecimento em rede, são adotadas por uma nova geração de ativistas e devem ser tratadas como contribuições importantes para o processo democrático. Elas são um chamado para incluir questões sutis de identidade em espaços ativistas e em conversas políticas. Elas são um chamado para reconhecer o valor do pensamento político que surge das margens e que pode transformar nossa democracia, se deixarmos” (Jackson et al. 2020, 47, tradução livre).

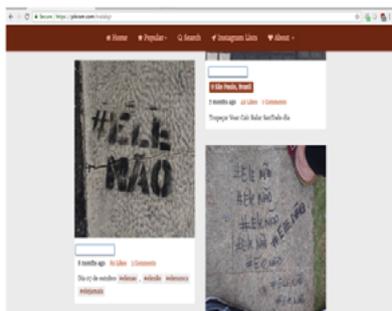


Figura 12 - Iconização da #elenão no Pikram.



Figura 13 - Iconização da #elenão no Twitter.



Figura 14 - Iconização da #elenão no Instagram.

e digital, materializando nesses ambientes suas pautas e demandas militantes. Esse trânsito de ir e vir entre real e virtual, entre on-line e off-line, entre a rua e o digital, recobre uma discursividade tecnológica da qual os sujeitos tanto protestam e resistem, quanto deslocam os sentidos, as formas de interação e subjetivação, evidenciando uma vez mais que o “dualismo” entre o real e o virtual deve ser (re)pensado em uma espécie de *continuum* e a linguagem na sua hibridação.

O mundo “virtual” extrapola determinadas compreensões em relação aos usos linguísticos e discursivos, promovendo novas reflexões, conceitos e problemáticas, que desfazem diversos dualismos. A hashtag que foi considerada neste texto, ou ainda o ato de clicar que pode levar a uma ação pragmática, tal como imprimir um documento, comprar uma passagem ou tecer um comentário nas redes sociais, problematizam também essa visão dualista.

HASHTAG, ESPAÇO HÍBRIDO E DUALISMO DIGITAL: NOTAS CONCLUSIVAS

A proposta de Jurgenson está assentada em

uma visão alternativa que afirma que nossa realidade é, ao mesmo tempo, tecnológica e orgânica, ao mesmo tempo, digital e física, tudo de uma vez. Nós não estamos entrando e saindo de realidades físicas e digitais separadamente, como em *Matrix*, mas vivemos em uma realidade que é ampliada por átomos e bits (Jurgenson 2011, § 7).

Alinhado à proposta do autor, este texto procurou defender a ideia de que o interessante e profícuo conceito de espaço híbrido proposto pelo sociólogo Castells (2017) é o ambiente específico dos sujeitos que participam dos variados militanismos digitais contemporâneos. Vimos que o movimento imbricado que leva a hashtag, característica do ambiente digital, para o espaço urbano promove também o retorno dessa mesma hashtag para seu ambiente de origem.

O espaço híbrido é, finalmente, aquele habitado pelos sujeitos conectados que, senão por meio de uma

hashtag, encontram outras formas de transitar nessa esfera fluida, opaca e preta de sentidos. Dessa maneira, a visão dualista que coloca de um lado o “virtual”, que para Stéphane Vial (2014) caracteriza o que se passa on-line, é uma

metonímia infeliz em virtude da qual o adjetivo/substantivo *virtual* acabou por designar tudo o que se passa num computador ou na Internet, como se tudo o que se passa num computador ou na Internet se resumisse à simulação, isto é, à virtualidade (Vial 2014, 44).

Na esteira de Paveau (2021) e Dias (2018), acreditamos que o digital deve ser compreendido mais como o espaço, também preta de linguagem, em que a cognição e a percepção devem ser redefinidas, do que como um outro lugar, separado do primeiro por uma fronteira invisível. Conforme Vial (2014, 48) aponta, “perceber, na era digital, é ser forçado a renegociar o próprio ato de percepção, no sentido de que os seres digitais nos obrigam a forjar novas percepções, ou seja, objetos para os quais não temos nenhum hábito perceptivo”.

Finalmente, Paveau afirma que no plano linguístico, considerar a “relação com universos discursivos digitais de maneira dualista implica uma certa concepção da enunciação, uma avaliação negativa dos discursos nativos da web, ou conectados, e um discurso de ausência corporal no modo on-line” (Paveau 2021, 152). É essa percepção do corpo enquanto movimento de linguagem, entre enunciação e enunciado (Discini, 2015), que o espaço híbrido (Castells, 2017) pode ser lido a partir de uma perspectiva linguística-discursiva.

A compreensão ampla dos sujeitos contemporâneos e das materialidades linguísticas que eles/elas produzem e fazem circular não admite que os variados dualismos sejam tomados como única forma de abordagem da relação com o digital, este que torna mais complexas muitas questões subjetivas, sociais, históricas e também, como esperamos ter demonstrado, discursivas.

Neste cenário, a hashtag é um elemento tecnodiscursivo que se torna incontornável não só pelo seu poder de concisão em relação aos complexos temas políticos

e sociais que engendra, mas sobretudo porque sua constituição discursiva permite que os sujeitos se inscrevam não nos limites entre o digital e o urbano, mas na fronteira entre eles, lugar específico das práticas, dos modos de vida e das linguagens contemporâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASARA, R. 2020. *Bolsonaro: o mito e o sintoma*. São Paulo: Editora Contracorrente.
- CASTELLS, M. 2017. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na internet*. Rio de Janeiro: Zahar.
- DIAS, C. 2004. *A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo hiv*. Tese de doutorado. Orientadora: Eni Orlandi. IEL-UNICAMP.
- DIAS, C. 2011. e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano. In DIAS, Cristiane. *e-urbano. Sentidos do espaço urbano/digital*. E-book disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>.
- DIAS, C. 2012. *Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade da rede (de sentidos)*. São Paulo: Hucitec.
- DIAS, C. 2016. A materialidade digital da mobilidade urbana: espaço, tecnologia e discurso. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, 37 – jan-jun.
- DIAS, C. 2018. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes Editores.
- DISCINI, N. 2015. *Corpo e estilo*. São Paulo: Contexto.
- GERBAUDO, P. 2021. *Redes e ruas. Mídias sociais e ativismo contemporâneo*. São Paulo: Editora Funilaria.
- GUNTHER, A. 2015. *L'image partagée. La photographie numérique*. Paris: Éditions Textuel.
- JACKSON, S. J., BAILEY, M. & WELLES, B. F. 2020. *HashtagActivism: Networks of Race and Gender Justice*. Massachusetts: MIT Press Direct.
- JURGENSON, N. 2011. Digital Dualism versus Augmented Reality. *Cyborgology* [blog]. Disponível em: <https://thesocietypages.org/cyborgology/2011/02/24/digital-dualism-versus-augmented-reality/>.
- MAINGUENEAU, D. 2015. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola editorial.
- MALINI, F. & ANTOUN, H. 2013. *A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Sulina.
- MOIRAND, S. 2020 [2018]. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Trad.: Fernando Curtti Gibin & Julia Lourenço Costa. *Linguagem*, São Carlos, 36, pp. 20-41.
- NORA, P. 1995. O Retorno do Fato. In NORA, P & LÉ GOFF, J. (eds.). *Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- ORLANDI, E. 2004. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes.
- ORLANDI, E. 2011. Língua, Comunidade e Relações sociais no espaço digital. In DIAS, Cristiane. *e-urbano. Sentidos do espaço urbano/digital*. E-book disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>.
- PAVEAU, M.-A. 2021 [2017]. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Organizador/a da tradução: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes.
- PAVEAU, M.-A. 2019. Technographismes en ligne. Énonciation matérielle visuelle et iconisation du text. *Corela* [on-line], HS-28. Disponível em: <http://journals.openedition.org/corela/9185>.
- PINHEIRO MACHADO, R. & FREIXO, A. de. 2019. *Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização*. São Paulo: Editora Oficina.
- SAEMMER, A. 2015. *Rhétorique du texte numérique. Figures de la lecture, anticipations de pratiques*. Villeurbanne: Presses de l'Enssib.
- SILVEIRA, J. da. 2015. *Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/jsilveira_do.PDF.
- VIAL, S. 2014. Critique du virtuel: en finir avec le dualisme numérique. IN: *Psychologie clinique*, 37. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-psychologie-clinique-2014-1-page-38.htm>.
- ZOPPI-FONTANA, M. 2016. Argu(meme)ntando Argumentação, discurso digital e modos de dizer [Apresentação em Power point]. In *III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação* (III SEDIAr). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão. Disponível em: [http://octeventos.com/site/sediar/download/argu\(meme\)ntando.pdf](http://octeventos.com/site/sediar/download/argu(meme)ntando.pdf).
- ZOPPI-FONTANA, M. & OLIVEIRA, S. E. 2017. La place et la parole des hommes féministes dans les réseaux sociaux numériques au Brésil. *Argumentation et Analyse du Discours*, 18. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/2356> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/aad.2356>.

WEBGRAFIA DAS FIGURAS¹²:

Figura 1:	https://twitter.com/Glauber_Braga/status/1046186200787288064
Figura 2:	https://www.facebook.com/LeonardoBrandaoBR/posts/1365542123605772
Figura 3:	Foto de Luci Correia/Flickr https://www.esquerda.net/artigo/deus-patria-e-familia-bolsonaro-toma-posse/58841 :
Figura 4:	https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/intencao-de-voto-de-bolsonaro-cresce-entre-mulheres-diz-ibope,febbe43ab28a0f3eb2100dcfd561b932pfns7p2l.html
Figura 5:	https://www.elo7.com.br/ecobag-elenao/dp/10680FA
Figura 6:	https://www.elo7.com.br/camiseta-ou-baby-look-elenao-elenao-elenunca-bolsonaro/dp/D57650
Figura 7:	https://www.martinbehrend.com.br/noticias/noticia/id/5448/titulo/pichador-e-presos-pela-policia-apos-pichar-elenao-homem-diz-que-agiu-em-defesa-dos-direitos-humanos
Figura 8:	https://www.colab55.com/@garibiscus/mugs/ele-nao-ele-nunca-ele-jamais
Figura 9:	https://catracalivre.com.br/cidadania/roger-waters-exibe-elenao-em-show-em-sp-e-e-vaiado-e-aplaudido/
Figura 10:	Acervo pessoal – Marais, Paris/2019.
Figura 12:	https://pikram.com/tralalajr
Figura 13:	https://twitter.com/jdeandradeneto/status/1046187456306061324
Figura 14:	https://www.instagram.com/p/B9J65LnS47/

12 Todos os links foram verificados em 25 abr. 2021.